

**FACULDADE DE PATOS DE MINAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

KEISSON REIS DUMONT

**EMPREENDEDORISMO E ANÁLISE DE RISCO E
RETORNO**

**PATOS DE MINAS
2010**

KEISSON REIS DUMONT

EMPREENDEDORISMO E ANÁLISE DE RISCO E RETORNO

Monografia apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Graduação em Administração.

Orientador: Prof. André Augusto Locatelli.

PATOS DE MINAS
2010

Created with



nitro PDF[®]
Created with

professional
PDF[®]

download the free trial online at nitropdf.com/professional

download the free trial online at nitropdf.com/professional

DUMONT, Keisson Reis.

Empreendedorismo e análise de risco e retorno.
Keisson Reis Dumont. Orientador Prof. André
Augusto Locatelli. Patos de Minas/MG: [s.n], 2010.
43 p.: il.

Monografia de Graduação - Faculdade Patos de
Minas.

Curso de Bacharel em Administração

1 Empreendedorismo. 2. Empreendedor. 3 Análise.
4 Risco. Retorno. Keisson Reis Dumont.
Empreendedorismo com ênfase na análise de risco
e retorno

Created with

KEISSON REIS DUMONT

EMPREENDEDORISMO E ANÁLISE DE RISCO E RETORNO

Monografia aprovada em _____ de novembro de 2010, pela comissão examinadora constituída pelos professores:

Orientador: _____
Prof. André Augusto Locatelli
Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____
Prof.
Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____
Prof.
Faculdade Patos de Minas

Created with

Dedico este trabalho a todos meus professores que me fizeram o que hoje sou, uma pessoa de uma cabeça cheia de pensamentos e novas idéias que com certeza num futuro próximo me trarão satisfações financeiri

Agradeço a Deus por me conceder o prazer de viver e pela vida abençoada que tem me dado, muito obrigado a você família que sempre esteve ao meu lado em momentos triste e alegre que sempre acreditou em meu potencial, agradeço especialmente a você meu grande e amigo avó Jair Dumont que me orientou e sempre fez de tudo para me tornar uma pessoa de caráter, honesta e vencedora espero algum dia me encontrar com você no céu e li dizer voc

RESUMO

O estudo em questão teve como objetivo analisar os diversos tipos de riscos que os administradores/empreendedores assumem ao gerir suas organizações. No que confere aos procedimentos metodológicos o presente trabalho usou como suportes dissertações, periódicos, artigos e consultas eletrônicas em sites consagrados sobre o tema proposto. Intentou-se, assim, compreender quais os tipos de riscos que as empresas devem admitir para posteriores análises e prevenção de problemas. Deste modo, procurou-se entender a historicidade do empreendedorismo no mundo e no Brasil, bem como compreender o papel do empreendedor na empresa e a distinção e interdependência do administrador a esse. Posteriormente, foi delimitado o conceito de risco e suas particularidades, ressaltando sua história ao longo dos anos, as tipologias e os modelos provenientes destes. No que diz respeito aos resultados obtidos foi possível concluir que o empreendedorismo envolve diversas pessoas em um processo que requer capacidades e habilidades necessárias para projetar, abrir e gerir um negócio com o intuito de alcançar resultados satisfatórios. Mas todo empreendimento corre riscos, para tanto para resguardar-se dos riscos que são provenientes do mercado econômico é preciso fazer análises, previsões e estudos acerca de seus departamentos e estrutura geral, pois uma gestão de sucesso requer atenção e precaução. Os riscos são inevitáveis, uma vez que compõem o dia-a-dia das organizações, mas é neste momento que o empreendedor, líder financeiro e ainda peça central em todo o processo, necessita administrar de forma sensata e eficaz a organização, aumentando os lucros, diminuindo os riscos e transpondo barreiras a procura do sucesso empresarial.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Empreendedor. Análise. Riscos. Retorno.

ABSTRACT

The present study was to analyze the advent various types of risk that managers / entrepreneurs take to manage their organizations. In conferring the methodological procedures used in this work as media essays, journals, articles and sites devoted to electronic consultation on the proposed topic. Brought up, well, understand what types of risks that companies should allow for further analysis and prevention of problems. Thus, we sought to understand the historicity of entrepreneurship in the world and Brazil, as well as understanding the role of the entrepreneur in the company and the distinction and interdependence of the administrator to that. It was later defined the concept of risk and its particularities, highlighting its history over the years, the types and models from these. With regard to the results obtained it was concluded that entrepreneurship involves several people in a process that requires skills and abilities needed to design, open and manage a business in order to achieve satisfactory results. But the whole enterprise at risk, to both protect themselves from the risks that come from the market economy is necessary to make forecasts and studies about their departments and the general structure, as a successful management requires attention and caution. The risks are inevitable, given that comprise the day-to-day organizations, but this is when the entrepreneur, a financial leader and still the centerpiece of the whole process needs to manage wisely and effectively the organization, increasing profits , reducing the risks and barriers bridging the demand for business success.

Keywords: Entrepreneurship. Entrepreneur. Analysis. Risks. Return.

Created with



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 EMPREENDEDORISMO E EMPREENDEDOR: DEFINIÇÕES	11
2.1 Histórico do empreendedorismo	11
2.2 Empreendedorismo no Brasil	12
2.3 Conceito de empreendedorismo	14
2.4 Conceito do empreendedor	16
2.5 Características empreendedoras Versus risco calculado	20
2.6 Diferenças e semelhanças entre empreendedor e administrador.....	22
3 ANÁLISE DE RISCO E RETORNO: ALGUNS CONCEITOS	24
3.1 Conceitos de risco.....	24
3.2 Breve resumo do risco	25
3.3 Risco de um ativo individual	26
3.4 Tipos de risco	31
3.5 Risco de carteira	34
3.6 Modelo de formação de preços ativos de capital (CAPM)	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Na ótica de diversos autores o empreendedorismo resume-se em um empreendimento criado com muito esforço, dedicação e tempo sob a gestão de um empreendedor que assume riscos financeiros, psíquicos e sociais. Tais riscos resultam, posteriormente, em gratificações de contentamento e independência tanto econômica quanto pessoal.

Neste contexto, o empreendedor é essencial, uma vez que é ele que dinamiza todo o processo econômico; investe em um negócio, às vezes sem esperanças, e o transforma em algo promissor e inovador. Ele é capaz de perceber oportunidades em situações onde outros não enxergam. Enfim, como Chiavenato (2002, p.4) assevera estes são “heróis populares do mundo dos negócios”. Disponibilizam trabalho, descobrem e aproveitam todas as chances, proporcionando, assim um crescimento na economia.

Em uma empresa um bom empreendedor deve também ser um excelente administrador, pois um completa o outro. Para inovar é preciso saber gerir bem o empreendimento, compreender qual rumo tomar, para a chance torne-se algo concreto e de muito sucesso. Deste modo, entende-se que o verdadeiro empreendedor é por natureza um administrador e o administrador também deve ser um bom empreendedor, sendo assim, a fórmula perfeita para um empreendimento com muito êxito.

Nesse sentido, todo o empreendedor precisa assumir diversos riscos. Desde muito cedo, antes mesmo de surgir a definição para tais vocábulos, na época da industrialização, o empreendedor vem enfrentando e ultrapassando obstáculos.

Naquela época e até a atualidade, antes de delimitar qual empreendimento abrir, o empreendedor necessita assumir diversos tipos de riscos. Tais riscos são denominados as chances de prováveis fracassos ou danos em qualquer segmento da organização. Portanto, deve-se distinguir e gerir esses que podem vir a aparecer e pôr o negócio em risco. Em todo esse processo é necessário que o administrador juntamente com sua equipe faça uma previsão de suas possibilidades. Caso a previsão não seja feita, a probabilidade deste não alcançar o sucesso são extremamente significativas.

Diante de tal premissa é que o presente trabalho se faz relevante. Fez-se necessário, a partir de uma pesquisa bibliográfica, apontar as particularidades do empreendedorismo, do empreendedor e ressaltar o risco que correm desde a criação do negócio, em sua vida útil até, caso não sejam feitas todas as previsões corretamente e os planejamentos, a sua falência.

Deste modo, partiu-se do princípio de que todo empreendimento corre riscos em todos seus setores. Esta pesquisa procurou verificar quais tipos de riscos são esses, seus conceitos, variações e modelos, além de ressaltar que uma boa gestão é aquela que se atem a esses.

O objetivo geral consistiu em tecer considerações atinentes ao empreendedorismo, o empreendedor, ressaltando os riscos que admitem em todos os segmentos empresariais.

A partir dos objetivos específicos foi possível compreender de forma sucinta, a historicidade do empreendedorismo a nível mundial bem como nacional além de perceber a real função de empreendedor/administrador.

No que tange aos procedimentos metodológicos, o estudo em questão utilizou uma pesquisa bibliográfica realizada a partir de livros, periódicos e dissertações da internet, concernentes ao empreendedorismo e aos riscos nos empreendimentos.

Nesse sentido, a pesquisa organizou-se considerando os seguintes temas: Empreendedorismo e suas particularidades e a Análise de risco e retorno: alguns conceitos.

2 EMPREENDEDORISMO E EMPREENDEDOR: Definições

2.1 Histórico do empreendedorismo

Autores como Hisrich e Peters (2004) contam um pouco da história do empreendedorismo dando exemplo do considerado primeiro empreendedor que o mundo teve, Marco Pólo. Ele tentou estabelecer uma rota comercial para o Oriente, assumindo um contrato com um homem que tinha muito dinheiro para vender as mercadorias desse “capitalista”.

Na Idade Média, a palavra empreendedor foi usada para demonstrar àquele que administrava grandes projetos de produção. Essa pessoa não corria grandes riscos, dirigia o projeto usando os recursos disponíveis que vinham, na grande maioria, do governo do país. Um exemplo de empreendedor dessa época era o clérigo, a pessoa confiada às obras arquitetônicas, como os castelos e as fortificações, os prédios públicos, as abadias e as catedrais. (HISRICHE PETERS 2004)

No final do século XIX e início do século XX, segundo Hisrich e Peters (2004) iniciava-se uma separação nos papéis dos administradores e dos gerentes, pois os dois antes eram analisados na visão econômica como aqueles que organizavam a empresa, que aproveitavam as oportunidades para criar as modificações para conseguir lucros futuros. Toda essa diferenciação aconteceu por causa do início da industrialização.

Jean Baptiste Say conceituou o papel do empreendedor como sendo a pessoa que tem a capacidade de retirar recursos econômicos de uma área inferior para outra de superior produtividade e retorno. Segundo o autor, o empreendedor não poderia dispor somente de seus próprios talentos pessoais e intelectuais para tocar seu negócio, era preciso procurar recursos externos para alcançar seus objetivos.

Dito de modo breve, o empreendedor organiza e opera uma empresa para lucro pessoal. Paga os preços atuais pelos materiais consumidos no negócio, pelo uso da terra, pelos serviços de pessoas que emprega e pelo capital que necessita. Contribui com sua própria iniciativa, habilidade e engenhosidade no planejamento, organização e administração da empresa. Também assume a possibilidade de

consequência de circunstâncias imprevistas e incontrolláveis. O resíduo líquido das receitas anuais do empreendimento, após o pagamento de todos os custos, são retidos pelo empreendedor. (HISRICH; PETERS, 2004, p.28)

Percebe-se com essa citação que o empreendedor e o administrador são aqueles que, normalmente, não inventam, adaptam e desenvolvem novas tecnologias na criação de produtos para alcançar força econômica. O bom empreendedor também um bom administrador.

Hisrich; Peters (2004, p.28) dizem que na metade do século XX, criou-se a ideia de empreendedor como inovador. Logo, o papel do empreendedor é aperfeiçoar o padrão de produção empreendendo um método tecnológico não-experimentado, para produzir um novo bem ou um bem antigo de um modo novo, abrindo uma nova mananciais de suprimento de produtos organizando um novo campo. Assim, a novidade pode ser desde um novo produto e um novo sistema de distribuição, até um método para desenvolver uma nova estrutura empresarial. Assim, o empreendedorismo ganhou impulso sendo considerado até hoje um dos principais fatores para desenvolver economicamente o país.

2.2 Empreendedorismo no Brasil

Segundo Dornelas (2005) o empreendedorismo no Brasil começou a ter força a partir da década de 90 com a abertura de instituições como (SEBRAE) - Serviço Brasileiro de Apoio às e Pequenas Empresas e a (SOFTEX) - Sociedade Brasileira para Exportação de Software. Antes de abrirem essas entidades o termo empreendedorismo não era tão falado e tão pouco sobre criações de pequenas empresas, pois o ambiente político e econômico da época não divulgavam informações e nem auxiliava os futuros empreendedores do país.

Mas mesmo assim foram surgindo empreendedores audaciosos que encontram no SEBRAE o suporte necessário para conseguirem dar andamento em seu negócio, pois o papel deste era de buscar junto com o micro e pequeno empresário o suporte de que precisava para iniciar sua empresa. Esse suporte era

disponibilizado através de consultorias feitas para resolver pequenos problemas pontuais no negócio.

Parecido com o SEBRAE, a SOFTEX foi criada para fazer com que as empresas brasileiras pudessem ultrapassar barreiras encontrando o mercado externo através de softwares que ajudavam a desenvolver projetos para capacitação de gestão e tecnologia dos empresários; informatizavam o seu empreendimento. Foi com essa entidade que o Brasil passou a divulgar o termo empreendedorismo e a fazer com que a sociedade percebesse a importância de se propor algo novo, como um negócio. Antes palavras como *business plan* quase não eram conhecidas no mundo do empresário e ainda eram caçadas pelos pequenos empreendedores. (DORNELAS 2005).

Dornelas (2005) fala que depois de corridos quinze anos desde o surgimento do termo empreendedorismo, o Brasil iniciou um processo de entendimento do verdadeiro significado do termo e passou a desenvolver um dos maiores programas de ensino do empreendedorismo de todo mundo e ensinar em 1500 escolas.

O autor completa citando alguns exemplos de programas, tais como programas SOFTEX e GENESIS (Geração de Novas Empresas de Software, Informação e Serviço), que apoiavam atividades de empreendedorismo em software; O programa Brasil Empreendedor, do Governo Federal, destinado a dar recursos financeiros a empreendedores; Programas EMPRETEC e Jovem Empreendedor do SEBRAE, que são líderes em procura por parte dos empreendedores e com ótima avaliação. Bem como, os vários cursos e programas criados nas universidades brasileiras para o ensino do empreendedorismo; O programa Engenheiro Empreendedor, que tinha como objetivo capacitar alunos de graduação em engenharia. Destaca-se também o programa Ensino Universitário de Empreendedorismo, da CNI (Confederação Nacional de Indústrias), e IEL (Instituto Euvaldo Lodi), de difusão do empreendedorismo nas escolas de ensino superior. Existem ainda programas específicos para formação de empreendedores, incluindo cursos de MBA (Máster of Business Administration), e também cursos de curta e média duração. Além disso, um evento se dissipou, mas que também contribuiu para a disseminação do empreendedorismo foi a criação de empresas pontocom no país; Finalmente, o grande crescimento de movimento de incubadoras de empresas no Brasil. (DORNELAS 2005)

Essas iniciativas são muito importantes para os empreendedores do Brasil, pois estimulam a abertura de novos negócios e dão à segurança de que precisam para valorizar e prosseguir caminhando a passos largos e, principalmente, ajudando a economia brasileira.

Então, percebe-se que a transmissão do conceito empreendedorismo no Brasil nasceu por causa da falência de muitas empresas e, naturalmente, pela sobrevivência de muitos trabalhadores que saíram das grandes estatais após o processo de privatização. Com isso, o governo forneceu auxílio para os trabalhadores e, eles puderam contribuir para o desenvolvimento e a geração de empregos no Brasil.

2.3 Conceito de empreendedorismo

Para Cunha (2004, p. 293) a palavra empreender, *imprehendere*, vem do latim medieval, antes do século XV e significa tentar “empresa laboriosa e difícil”, ou ainda, “pôr em execução”.

Dornelas (2005, p.29) diz também que a palavra empreendedor significa “aquele que assume riscos e começa algo novo” e apareceu, pela primeira vez na Língua Portuguesa no século XVI.

Hisrich & Peters (2004, p. 29) colaboram ao dizer que empreendedorismo “é o processo de criar algo novo com valor dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal”.

A respeito das características de um processo empreendedor Chiavenato (2005, p. 19) esclarece:

O processo empreendedor abrange todas as atividades, as funções e as ações relacionadas com a criação de uma nova empresa. Em primeiro lugar, o empreendedorismo envolve o processo de criação de algo novo, que tenha valor e seja valorizado pelo mercado. Em segundo lugar, o empreendedorismo exige devoção, comprometimento de tempo e esforço para que o novo negócio possa transformar-se e crescer. Em terceiro lugar, o empreendedorismo requer ousadia, assunção de riscos calculados e decisões críticas, além de tolerância com possíveis tropeços, erros ou insucessos.

Percebe-se também que o empreendedorismo compreende competências e habilidades necessárias para planejar, abrir e administrar um negócio com o propósito de obter resultados positivos. (CHIAVENATO, 2005).

Sobre o processo empreendedor Dornelas (2005, p. 40) fala que “pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia-a-dia do seu empreendimento”.

Mas a expressão empreendedorismo foi originada da tradução da expressão “*entrepreneurship*”, da língua inglesa, que é composta da palavra francesa “*entrepreneur*” e o sufixo inglês “*ship*” que indica posição, nível, vínculo, condição, característica, competência ou capacidade. Significa fazer coisas novas, desenvolver maneiras diferentes e novas de fazer alguma coisa. (DORNELAS, 2005)

A palavra empreendedorismo foi usada pela primeira vez em registros de Richard Cantillon, em 1755 para explicar a aceitação ao risco de comprar alguma coisa por um determinado preço e vendê-lo sem ter certeza de que iria lucrar com ele. Para ajudar nessa discussão, Jean Baptiste Say (*apud* Hashimoto 2006 p.1) completou que “o empreendedorismo está relacionado àquele que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade inferior para um setor de produtividade superior e de maior rendimento”. Entende-se, então que, aquele que abre qualquer tipo de negócio é considerado um empreendedor. (HASHIMOTO, 2006)

Dornelas (2005) diz que a forma mais simples de se definir empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, juntos, levam à transformação de idéia em concretização de negócios que podem tornar-se bem-sucedidos.

Um autor bastante reconhecido no mundo do empreendedorismo é Schumpeter (1949 *apud* DORNELAS 2005 p.39) que conta que o “empreendedorismo é aquele que destrói a ordem econômica existente pela inserção de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais”. Schumpeter utilizou pela primeira vez a palavra empreendedorismo para indicar uma pessoa criativa, que consegue ter sucesso através de inovações. Par:

empreendedorismo está no conhecimento e no aproveitamento de novas oportunidades na área dos negócios. O verdadeiro empreendedor cria novos negócios, mas que também pode inovar dentro de negócios já renomados.

Em 1967, apareceu K Knight e três anos depois Peter Drucker que inseriu a ideia de que a pessoa empreendedora tem a necessidade de arriscar em alguma coisa. Já em 1985, Pinchot introduziu outra ideia de intra-empendedor, uma pessoa empreendedora, mas dentro de uma organização. (DORNELAS, 2005)

Dornelas (2005) arremata que empreendedor é aquele que percebe a oportunidade e cria um negócio para acumular lucros sobre ela, assumindo riscos pensados. O bom empreendedor, para o autor, deve ter iniciativa para criar o negócio, recursos disponíveis para transformar o ambiente, consciência dos riscos e a probabilidade de fracassar no empreendimento, dedicação, comprometimento de tempo e esforço e, principalmente, ousadia e ânimo.

O empreendedor audacioso, visionário é aquele que não mede esforços em criar um negócio inovador, revolucionário pensando nos lucros que virão no futuro ou aquele que investe em um empreendimento já renomado e faz com que ele ganhe proporções de mercado nacional e internacional.

Conclui-se que o empreendedorismo envolve definição, criação e distribuição de valores favoráveis a grupos, organizações e para a sociedade como um todo.

2.4 Conceito de empreendedor

Segundo Ferreira (2004, p.447) empreendedor é aquele que empreende; ativo; arrojado, que fareja a oportunidade e investe em um negócio futuro sem medir esforços para alcançar seus objetivos.

Chiavenato (2005) completa dizendo que o termo empreendedor vem do francês *entrepreneur* que quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo, “é a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma idéia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente”. (CHIAVENATO, 2005 p.3). Mas não são somente empresários ou fundadores de empresas que são empreendedores, todos podem ser, basta estar preocupados e focalizados em inovar sempre.

O autor fala dos empreendedores assim:

Os empreendedores são heróis populares do mundo dos negócios. Fornecem empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico. Não são simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia que assumem riscos inerentes em uma economia em mudança, transformação e crescimento. (CHIAVENATO, 2002, p.4)

Hisrich; Peters (2004, p. 29) também cooperam para a definição de empreendedor quando dizem que o empreendedor “é aquele que combina recursos, trabalho, materiais e outros ativos para tornar seu valor maior do que antes; também é aquele que introduz mudanças, inovações e uma nova ordem”.

Então, o empreendedor, como já falado, tem as seguintes características: criativo, visionário, decidido, tem senso de oportunidade e sabe explorar bem essas ocasiões, determinado, dinâmico, persistente, dedicado, otimista, líder, organizado, controlador e ousado.

Dornelas *et al* (2008, p. 3) explicam que os empreendedores situam em diferentes categorias, de acordo com o estágio de desenvolvimento de suas empresas, ou seja, os empreendedores nascentes são pessoas que estão na etapa de pré-lançamento e que estão fazendo avaliações para lançar uma organização, contudo ainda não ganharam um pró-labore nem pagaram salários a ninguém. E os empreendedores novos são aqueles que as organizações têm menos de quatro anos e já pagaram salários. Pois a empresa tendo resistido e adquirido fluxo de caixa positivo, normalmente pelo quarto ano, ela aproxima da sustentabilidade, e a tarefa do empreendedor passa a se estabelecer sobre os fundamentos que assentou.

Dornelas (2010) lembra que muitas pessoas, também chamados de empreendedores, tentam abrir seu negócio próprio, mas não tem nenhum preparo. Alguns deles conseguem prosperar, mas grande parte sobrevive somente o primeiro ano, pois acabam enfrentando dificuldades que o mercado impõe e que não estavam preparados para passar.

Uma boa lembrança que Hashimoto (2006, p. 21) faz é a respeito do significado a parte de empreendedor, falando sobre o intra-empendedor. “O intra-empendedor é aquele que dentro da organização tem a responsabilidade de fazer

avançar a inovação de qualquer tipo, a qualquer momento, em qualquer lugar da empresa”.

O intra-empendedor é qualquer indivíduo dentro de uma empresa que usa o seu talento para instituir e administrar projetos de caráter empreendedor na empresa. Independentemente da cultura organizacional sempre haverá o intra-empendedor, sendo possível identifica-los pela simples observação das realizações empresarias, principalmente aquelas de alto valor reunido, porém eles não podem ser antecipados no planejamento original da empresa. (HASHIMOTO, 2006). Então, o intra-empendedor deseja, em primeiro lugar, a sensação de realização e orgulho, ou a satisfação de enfrentar e vencer desafios ou, até mesmo, uma visão em volta de projetos vencedores e importantes para a organização.

Os intra-empendedores são os empreendedores que possuem características parecidas que a dos empreendedores proprietários. Eles têm iniciativa, aceitam riscos, são ousados e independentes. Os intra-empendedores também são chamados na literatura como empreendedores corporativos. Qualquer colaborador que faça mudanças dentro de sua função ou fora dela, além de suas atribuições normais, pode ser considerado um intra-empendedor ou empreendedor corporativo (HASHIMOTO, 2006).

Hashimoto (2006) faz uma comparação no quadro abaixo das diferenças entre empreendedor e o intra-empendedor:

Critério	Empreendedor	Intra-empresendedor
Sonho	Acredita que pode realizar seus sonhos. Vende seus sonhos no ambiente externo. Tem mais flexibilidade para vender suas ideias. Segue uma visão própria, particular.	Acredita que pode realizar seus sonhos. Vende seus sonhos no ambiente interno e externo. Precisa vender sua ideia ao primeiro chefe. Alinha sonhos pessoais com a visão corporativa.
Risco	Não é um jogador. Foca a atenção nas oportunidades. Assume o risco financeiro. Fracasso significa falência. Sabe mensurar riscos.	Não é um jogador. Foca a atenção nas oportunidades. Corporação assume o risco financeiro. Fracasso não é fatal. Extrapolou funções e tarefas de cargo.
Inovação	Impulsiona a inovação. Transforma ideias e protótipos em realidade lucrativa. Realoca ou maximiza a aplicação de recursos para criar valor.	Impulsiona a inovação. Transforma ideias e protótipos em realidade lucrativa. Realoca ou tenta maximizar a aplicação de recursos para criar valor.
Atenção e ação	Põe “a mão na massa”. Sabe usar a intuição. Não necessariamente conhece o negócio. É orientado para o futuro.	Põe a “mão na massa”. Sabe usar a intuição. Conhece o negócio. É orientado para o futuro
Liderança	É líder. Atrai fornecedores, clientes, talentos e investidores. Comunica sua visão de forma clara e realista. Exerce gerenciamento compartilhado.	É líder. Atrai fornecedores, clientes, talentos e intracapital para seu intra-empresendimento. Comunica sua visão de forma clara e realista. É autogerenciado.
Fracasso	Teme, mas ele não o paralisa. Erros e fracassos fazem parte do aprendizado. Acumula conhecimentos e experiências diversificadas.	Teme, mas ele não o paralisa. Erros e fracassos fazem parte do aprendizado. Acumula conhecimentos e experiências diversificadas. Oculta projetos fracassados devidos a sua exposição pública.
Relacionamentos	Faz transações e acordos com capitalistas de risco. Agrada a si mesmo, aos clientes e possíveis investidores. Insere-se em redes empreendedoras. É um negociador.	Faz transações dentro da organização. Agrada a si mesmo, aos clientes e patrocinadores. Insere-se em redes intra-empresendedoras. É um negociador interno.

Quadro 1 - Diferenças entre empreendedores e intra-empresendedores

Fonte: HASHIMOTO, 2006.

2.5 Características empreendedoras versus risco calculado

Chiavenato (2005) amplia a discussão, quando fala a respeito das características empreendedoras destacando a sensibilidade para o negócio do empreendedor. Ele é capaz de transformar ideias em realidade ou inovar as já existentes, pois identifica oportunidades em determinadas situações nunca vislumbradas antes.

Schumpeter (*apud* CHIAVENATO 2005, p.5) define o empreendedor como “a pessoa que destrói a ordem econômica existente graças à introdução no mercado de novos produtos/serviços, pela criação de novas formas de gestão ou pela exploração de novos recursos, materiais e tecnologias”.

Para que o empreendedor seja considerado realmente um homem de negócios, além das características citadas anteriormente, ele deve ter conhecimento acerca do produto que está oferecendo no mercado, por em prática táticas para a venda e sucesso e, ainda, dispor de três características básicas, segundo Chiavenato (2005): necessidade de realização, autoconfiança e disposição para assumir riscos.

A necessidade de realização diz respeito à necessidade de determinadas pessoas, como é o caso dos empreendedores, apresentarem a realização em relação às pessoas da população em geral, ou seja, prima pela realização pessoal. São pessoas ambiciosas que abrem um negócio e orientam o seu desenvolvimento. A autoconfiança é a certeza de enfrentar desafios sem muitos contratempos, ter domínio sobre eles e os que estão por vir, agindo de maneira confiante no sucesso de suas decisões. (CHIAVENATO, 2005).

O autor acrescenta dizendo que “as pesquisas mostram que os empreendedores de sucesso são pessoas independentes que enxergam os problemas inerentes a um novo negócio, mas acreditam em suas habilidades pessoais para superar tais problemas”. (CHIAVENATO, 2005, p.7). E por fim, a disposição de lidar com improbabilidades, assumir riscos como: riscos financeiros, renúncia de empregos seguros e de carreiras determinadas, riscos familiares, riscos psicológicos, dentre outros.

Segundo o dicionário Aurélio (2004, p. 1062), risco significa “perigo, ou possibilidade de. Situação em que há probabilidades mais ou

perda ou ganho”. É a possibilidade de algo indesejado acontecer, variando conforme a capacidade da pessoa em controlá-lo e depois conseguir levá-lo a uma colocação privilegiada ou encontrar novas oportunidades.

A possibilidade de correr riscos está direcionada inerente à previsão de resultados posteriores, fundamentando-se no excesso de vivências e na utilização de lógica. Para Llewellyn (2004, *apud* KORNIJEZUK, p.51) existem três tipos de atitudes quando defrontadas as situações de risco: “evitadores de riscos, redutores de risco e os otimizadores de risco”. Os evitadores são os que esquivam dos problemas, os redutores são os que banalizam os riscos e encaram a situação e os otimizadores são os indivíduos que procuram mensurar e diminuir as chances de erros, posteriormente, enfrentando a dificuldade.

Muitos autores concordam quando dizem que o risco tem por conceito o nível de probabilidade em relação ao ganho almejado na empresa, equivalendo, assim, a perspectiva do acontecimento de um fato e sua repercussão no negócio. Esse risco pode ter origem nas modificações da área de desempenho, no produto, nas novidades da tecnologia, nos planos de marketing e no conjunto operacional. Logo, os riscos estão arrolados aos objetivos da empresa e a iniciativa de tomar decisões.

Dornelas (2005), ao colaborar no item disposição para assumir riscos, conta que foi no século XVII que aconteceram as primeiras tentativas de ousar pelo empreendedor. Através de um contrato que este fazia com o governo para tentar disponibilizar produtos e serviços, ele assumia os lucros, bem como os riscos de um futuro prejuízo advindo do negócio.

Os autores concordam quando falam a respeito de Richard Cantillon, um renomado economista do século XVII que deu origem as teorias fundamentais do empreendedorismo e compreendeu que ao administrar o seu empreendimento as chances de sucessos e fracassos de venda e de compras de produtos era significativa. (DORNELAS, 2005).

Já no século XVIII, o empreendedor corria riscos, pois a industrialização havia chegado com força total, invenções foram desenvolvidas como eletricidade e a química de Eli Whitney e Thomas Edson, mudanças no mundo todo aconteciam; o empreendedor passou a ser visto de forma diferenciada, porque investidores apostavam em seus experimentos. (DORNELAS, 2005)

2.6 Diferenças e semelhanças entre empreendedor e administrador

Dornelas (2005) comenta que foram realizados diversos estudos a respeito das semelhanças e das diferenças entre o empreendedor e o administrador. Mas, mesmo assim, ainda não é possível fazer essa distinção entre os dois profissionais.

Alguns autores ressaltam que o trabalho do administrador está voltado para o ato de planejar, organizar, controlar e dirigir uma empresa.

Dornelas (2005) comenta que “o empreendedor de sucesso possui características extras, além dos atributos do administrador, e alguns atributos pessoais que somados a características sociológicas ambientais, permitem o nascimento de uma nova empresa”.

Então, o autor completa que não é possível separar o papel do administrador e do empreendedor, pois “o empreendedor é um administrador, mas com diferenças consideráveis em relação aos gerentes ou executivos de organizações tradicionais, pois os empreendedores são mais visionários que os gestores”.

Segundo Hampton (1991 *apud* DORNELAS, 2005) os administradores se diferenciam em dois aspectos: a hierarquia e o conhecimento. Já Stewart (1982 *apud* DORNELAS, 2005, p. 31) acredita que a função do administrador é semelhante a do empreendedor, uma vez que ambos possuem três características fundamentais: “demandas, restrições e alternativas”. As demandas são o que precisa ser feito na empresa. As restrições são acontecimentos internos e externos próprios da mesma e, as alternativas são como e o que o administrador irá fazer para conseguir sucesso.

Dornelas (2005, p.35) acredita que o administrador diferencia do empreendedor de sucesso no planejamento incessante com olhos no futuro. Reflete sobre essa temática quando questiona se

Então não seria o empreendedor aquele que assume as funções, os papéis e as atividades do administrador de forma complementar a ponto de saber utilizá-los no momento adequado para atingir seus objetivos? Neste caso, o empreendedor estaria sendo um administrador completo, que incorpora as várias abordagens existentes sem se restringir a apenas uma delas e interage com seu ambiente para tomar as melhores decisões.

Com o pensamento de Dornelas (2005) é possível refletir sobre a dependência do administrador para com o empreendedor, um

de um complementam a do outro e vice-versa. Então, seria muito importante e indispensável que um empreendedor seja um grande administrador e um grande administrador seja um grande empreendedor.

Created with



3 ANÁLISE DE RISCO E RETORNO: ALGUNS CONCEITOS

3.1 Conceito de risco

Segundo Degen (2009) o empreendedor ao definir por qual tipo de negócio abrirá, a oferta de atributos que serão enfatizados no grupo de desenvolvimento do empreendimento deve distinguir e dirigir o risco. Logo, o empreendedor deve reconhecer e administrar os prováveis problemas que podem vir a surgir e colocar em risco o empreendimento que almeja desenvolver. Se a previsão não for realizada as chances do negócio não alcançar o sucesso são grandes.

Define-se, também o verdadeiro empreendedor como um líder financeiro, ou seja, “aquele cujo objetivo é o de maximizar a riqueza da comunidade como um todo em uma sociedade nitidamente digital, neural ou do conhecimento e pós-neural”. (PLANTULLO, 2004, p. 2)

Portanto, é de suma importância que o empreendedor antes mesmo de abrir seu empreendimento faça a análise de risco e todos os outros itens que são indispensáveis como o plano de negócios, a missão, a visão, os valores, os objetivos que aquela empresa busca, uma vez que são previsões que dependem de embasamentos consistentes e de informações históricas com descrições minudenciadas para serem empregadas nos moldes teóricos oferecidos.

Nesse sentido, Ferreira (2004, p.162) define risco como sendo uma “situação em que há probabilidades mais ou menos previsíveis de perda ou ganho”. Há risco em tudo que está ao redor, principalmente em qualquer situação no mercado financeiro.

Para Gitman (2004, p.202) o risco “pode ser definido como a possibilidade de prejuízo financeiro [...] é usado alternativamente com incerteza, ao referir-se à variabilidade de retornos associada a um dado ativo”. Comenta ainda que, “em termos mais formais, a palavra risco é usada como sinônimo de incerteza e refere-se à variabilidade dos retornos associados a um ativo”, isto é, enquanto for maior a certeza do retorno de um ativo, menor será a variabilidade e, naturalmente, menor será o risco de tal ativo.

Freitas *et al* (1996, p.2) acrescenta ao observar que a palavra risco é italiana, e deriva de *riscare*, cuja significação original era “navegar entre rochedos perigosos, que foi incorporada ao vocabulário francês por volta de 1660”.

Noce *et al* (2005, p.1) complementa ao observar que o risco, em sua essência, denomina a provável chance de prejuízo seja em qualquer âmbito, mas é mais direcionado para o setor financeiro ou conforme linguagem peculiar da administração “a variabilidade de retornos associada a um determinado ativo”. Deste modo, a relação risco/retorno exerce uma função relevante no que se refere à determinação no rumo dado ao capital privado, de maneira que um dos principais atrativos para o investimento é uma relação coesa entre essas duas inconstantes.

3.2 Breve histórico do risco

Conforme Freitas *et al* (1996) o vocábulo risco incidiu mediante a constituição das sociedades contemporâneas, no findouro Renascimento e no princípio das revoluções científicas, com as diversas modificações sociais e culturais da época unificadas à significativa impulsão das ciências e técnicas, as grandes navegações, o crescimento e fortificação do poder político e econômico da burguesia.

A conceituação de hoje é proveniente da teoria das probabilidades, sistema axiomático, procedente da teoria dos jogos na França do século XVII e sugeriu a consideração de previsibilidades de algumas situações ou eventos por intermédio do conhecimento. (FREITAS *ET AL*, 1996)

Apesar de sua denominação probabilística estar ligada à contemporaneidade e a perdas e danos e suas decorrências, até o período anterior à Revolução Industrial, segundo Freitas (1996) o que cognominava era sua apreensão como manifestação dos deuses. Até entremeios do século XVIII, ocorrências como inundações, furacões, incêndios, maremotos, erupções vulcânicas dentre outros eram entendidos como demonstrações dos deuses, logo, para revelá-los prevê-los era preciso compreendê-los e interpreta-los.

Nessa perspectiva, o autor faz uma alusão a um dos primeiros povos a realizar algo parecido com o que atualmente é compreendido como análise de risco foram os Asipu, que viveram na Mesopotâmia, cerca de 3200

demonstraram as significativas dimensões do problema dado e as ações alternativas do mesmo, colhendo dados acerca dos prováveis resultados de cada vicissitude. Assim que analisados, os melhores, eram tidos como mandados dos deuses, enviados através dos sacerdotes do grupo Asipu, classificados para decifrar, eleger as melhores alternativas.

Ainda na visão de Freitas *et al* (1996) a sistematização do processo de laicização das situações e eventos entendidos como perigosos e suas modificações em riscos, aludindo a previsibilidade à probabilidade, aconteceu somente a partir da Revolução Industrial.

O entendimento de tais modificações propiciou uma nova maneira de interpretar e enfrentar as situações e eventos perigosos, especialmente no século XX, depois a Segunda Guerra Mundial, na década de 1970, quando avivou-se os estudos e conseqüentemente, as discórdias entre especialistas acerca das implicações para a saúde dos trabalhadores e populações expostas e outros fatores que corroboraram para a mudança do status social dos riscos.

Com o passar do tempo, o desenvolvimento científico e tecnológico e as mutações da sociedade fizeram com que o homem tornasse responsável pela formação e prevenção de suas próprias mazelas. Percebe-se, portanto, que o significado de risco de hoje é proveniente de toda a época descrita anteriormente, “cabendo ao próprio homem a atribuição de desenvolver, através de metodologias baseadas na ciência e tecnologia, a capacidade de interpretá-los e analisá-los para melhor controlá-los e remediá-los”. (FREITAS ET AL, 1996, p. 4)

3.3 Risco de um ativo individual

Gitman (2004) lembra que o significado de risco é mais desenvolvido levando em consideração um ativo individual conservado separadamente. Neste é preciso avaliar o risco de um ângulo comportamental e quantitativo. Para isso é feita a análise de sensibilidade, probabilidades, distribuição probabilística, desvio padrão e o coeficiente de variação. Assim é demonstrado na figura abaixo:

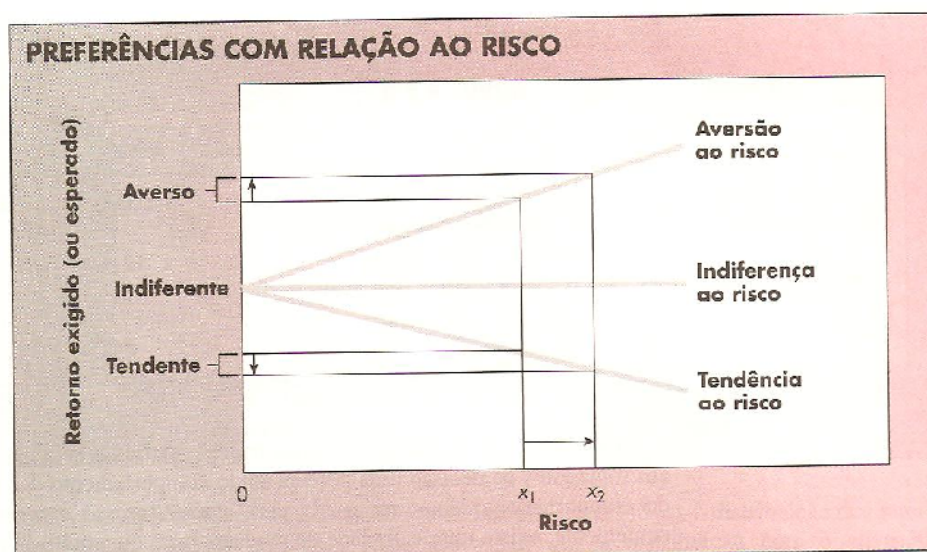


Figura 1: Preferências com relação ao risco
Fonte: GITMAN (2004)

Quanto à análise de sensibilidade, esta possibilita o controle de experiências e averiguações com o uso de um padrão. Sua função é definir a sensibilidade de resultados de um estudo, quando seus princípios são modificados. (GITMAN, 2004)

No que se refere à distribuição de probabilidades, o risco relaciona-se com as probabilidades e seus resultados atinentes. Diz respeito ao processo de obtenção de informações acerca de uma população tendo como ponto inicial os resultados analisados de uma amostragem. Para as probabilidades são feitas avaliações mais precisas do risco de um ativo através de gráficos de barras e de combinações entre eventos e probabilidades. (GITMAN, 2004)

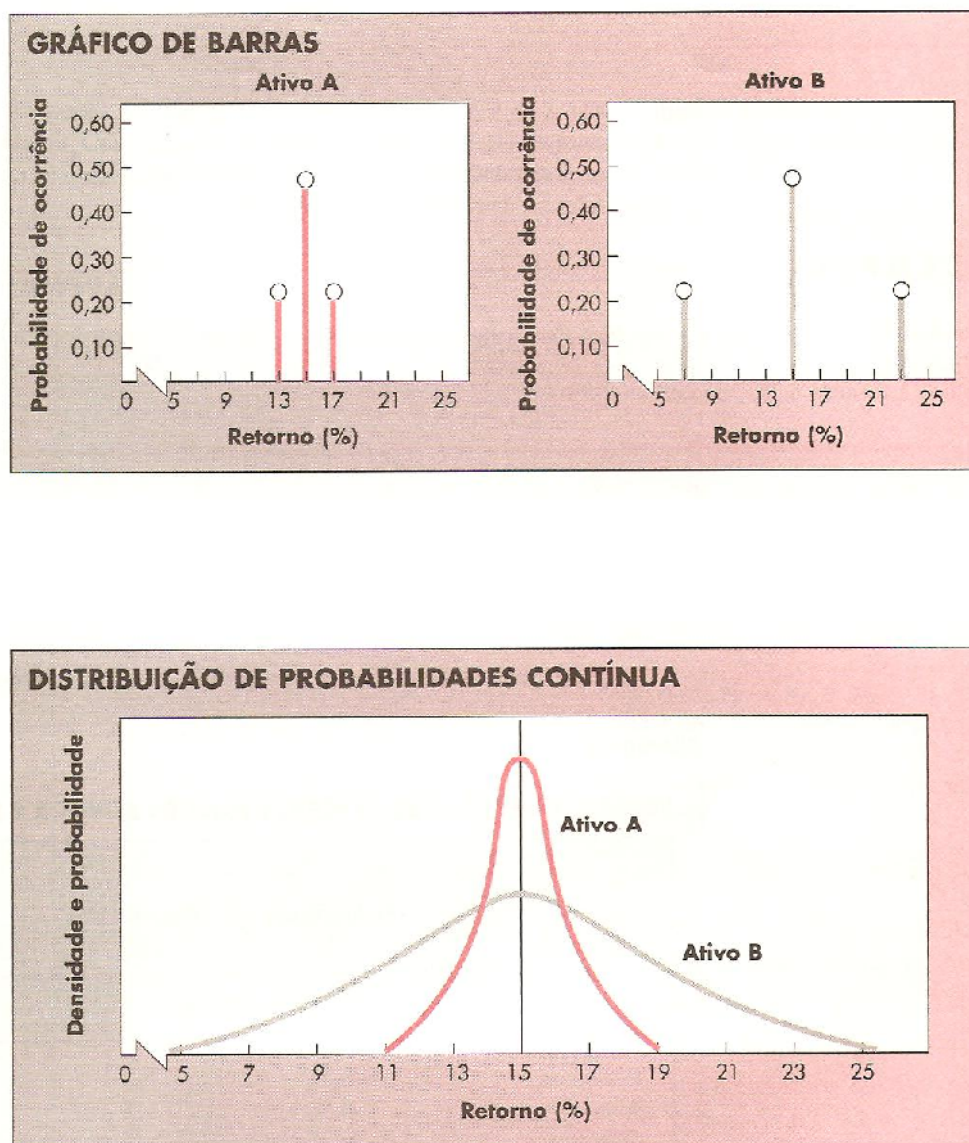


Figura 2: Gráfico de barras
Fonte: GITMAN (2004)

Já o desvio de padrão é o indicador estatístico mais usado na análise de risco e “mede a dispersão em torno do valor esperado”. (GITMAN, 2004, p. 210). E o coeficiente de variação, é “a medida de dispersão relativa usada na comparação do risco de ativos que diferem nos retornos esperados”. É por intermédio do desvio de padrão que se é possível prever eventos concebidos dentro das probabilidades definidas. (GITMAN, 2004, p. 210)

De acordo com Gitman (2004) o indicador estatístico mais comum do risco de um ativo é o desvio padrão σ_k (sigma) que mensura a dispersão em torno do valor esperado. A fórmula do desvio padrão é:

$$\sigma = \sqrt{\sum (K_i - \bar{K})^2 \times Pr_i}$$

Onde:

Rn (it) = valor do retorno na ocorrência

D (it) = probabilidade da ocorrência

P (it -1) = número de ocorrências consideradas

Ainda sob a ótica do autor supracitado, o coeficiente de variação (CV) é uma medida de dispersão relativa utilizada no confronto do risco de ativos que diferem nos retornos esperados. A fórmula a seguir demonstra o cálculo para o coeficiente de variação:

$$CV = \frac{\sigma}{K}$$

Cabe salientar que quanto mais alto for o coeficiente de variação, maior será o risco. (GITMAN, 2004, p.210)

Assim sendo, ainda que o coeficiente de variação permita uma melhor comparação entre as vicissitudes, este não pode ser avaliado como um princípio exclusivo para decisões em investimentos.

Gitman (2004, p.203) lembra que o risco está estritamente relacionado ao retorno. Para ele, “o retorno sobre um investimento é medido como o total de ganhos ou prejuízos dos proprietários decorrentes de um investimento durante um determinado período de tempo”.

De acordo com Schneider *et al* (2009) a soma do retorno pode ser representada a partir da equação:

$$k_t = \frac{P_t - P_{t-1} + C}{P_{t-1}}$$

Onde:

K_t = taxa de retorno exigida ou esperada

P_t = valor do ativo no tempo t

P_{t-1} = valor do ativo no tempo $t-1$

C = fluxo de caixa do investimento no período de $t-1$ até t

Os autores explicam que essa equação denomina o retorno k_t , que reflete o efeito combinado de mudanças nos valores, $P_t - P_{t-1}$, e o fluxo de caixa C , realizado durante o período t . Ela é utilizada para determinar a taxa de retorno em um período que pode ser curto, como um dia, ou longo, como dez ou mais anos.

Gitman (2004, p.211) ressalta que “o risco deve ser considerado não somente em relação ao período corrente do tempo, mas também como uma função crescente do tempo”. Normalmente, quanto mais longa for a vida do investimento em um ativo, maior será o risco, por causa da variabilidade crescente dos retornos, proveniente de erros de previsão cada vez maiores, para um futuro remoto.

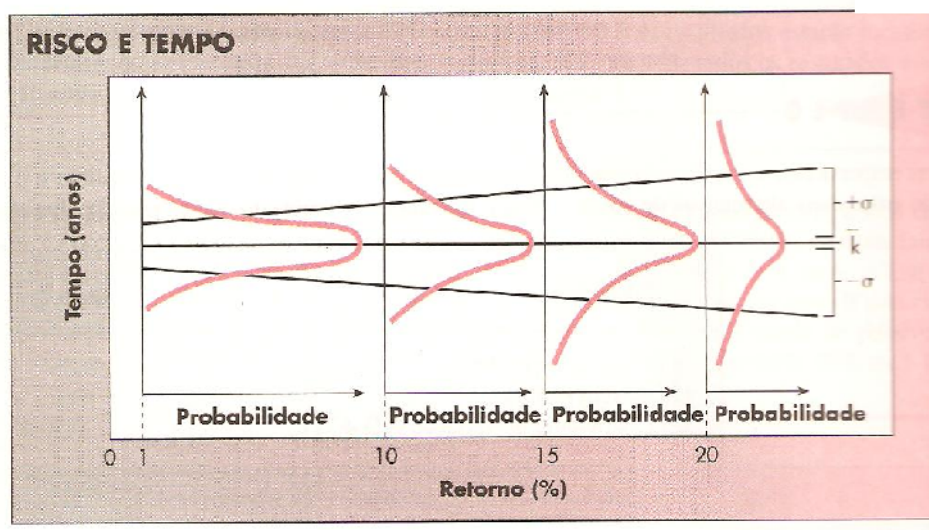


Figura 3: Risco e retorno
Fonte: GITMAN (2004)

Created with

3.4 Tipos de Riscos

Para Duarte Junior (1993) a conceituação de risco surgiu há muito tempo. Fundamentado em na teoria de Markowitz, a Moderna Teoria das Carteiras, o autor elucida que o risco possui quatro grupos básicos: risco de mercado, risco operacional, risco de crédito e risco legal.

O risco de mercado está intrinsecamente relacionado ao comportamento do preço do ativo perante as condições de mercado. A fim de compreender prováveis perdas por causa das flutuações do mercado é de extrema importância determinar e mensurar as volatilidades e correlações dos fatores que exercem efeito sob o preço ativo. Dentro do risco de mercado, o autor menciona uma subdivisão: risco do mercado acionário, risco do mercado de câmbio, risco do mercado de juros e risco do mercado de *commodities*.

Nesse mesmo raciocínio, Hoji (2006, p. 232) completa definindo “o risco sistemático, ou risco específico, como sendo um tipo de risco que afeta especificamente uma empresa ou um pequeno grupo de empresas”.

Já o risco operacional está arrolado a prejuízos tais como: decorrência de sistema e controles impróprios, erros humanos bem como de gerenciamento.

Assim comprova Hoji (2006, p.232)

Os riscos de natureza operacional são basicamente inerentes às atividades de operações, e podem ser causados por catástrofes, fraudes, falha humana, produtos e serviços, legislação, etc, ou até por problemas de imagem: perda material, responsabilidade civil, saúde, vida e acidentes pessoais, assistência gratuita, lucros cessantes, perda de mercado por obsolescência tecnológica, gestão ineficaz ou fraudulenta, falta de competitividade ou de agilidade operacional.

Vale ressaltar que tais riscos podem ser amenizados ou evadidos a partir da contratação de seguros específicos para cada segmento. Este também é categorizado em três segmentos: risco organizacional: diz respeito a uma falha da organização e administração; risco de operações: faz menção a diversos problemas como: armazenamentos e processamentos com falhas dentre outros; risco pessoal: problemas direcionados ao corpo da empresa, ou seja, funcionários desmotivados, sem qualificação, corruptos, etc.

Quanto ao risco de crédito, dentro da empresa, diversas dívidas são contraídas pelos contratantes. Ao assumir, lucros e prejuízos são responsabilidades dos mesmos. Quando um deixa de pagar algo, surge o risco de crédito. Nessa categoria também existem subgrupos: risco do país, risco político e risco de falta de pagamento.

E, por fim, no que diz respeito ao risco legal, a ausência da legalidade em um contrato pode ocasionar perdas à empresa, acarretando: documentação deficiente, ilegitimidade, etc.

Além de todos os riscos mencionados anteriormente, é preciso lembrar risco sistemático e o risco não sistemático. O risco sistemático ou não diversificável é direcionado aos fatores de mercado que prejudicam a maioria das empresas e não pode ser abolido por intermédio de diversificação da carteira. O risco não sistemático ou diversificável refere-se à parte do risco de um ativo associado a determinadas razões.

Hoji (2006, p.298) salienta que os riscos sistemáticos e não sistemáticos possuem uma diversificação, ou seja, “ao distribuir o investimento em vários ativos, parte do risco será eliminado”. “O risco não sistemático é essencialmente eliminado pela diversificação; portanto, uma carteira relativamente grande praticamente não tem risco não sistemático”. (p.299) Já o risco sistemático não pode ser eliminado pela diversificação, uma vez que este “afeta diretamente todos os ativos em algum nível”. (p.299)

Degen (2009, p.79) complementa que dentro dos diversos tipos de risco há a escolha entre as vicissitudes de perda e ganho que ele denomina paradigma do risco. “O paradigma de risco é justamente decidir, [...] entre as alternativas de correr risco, de correr menos risco [...] ou de correr mais risco”. Então, a proposição de não tomar nenhuma decisão e assim não correr o risco.

O autor em questão explica que o risco possui três origens distintas: a falta de controle, a falta de informação e a falta de tempo. A falta de controle não existirá se houver absoluto controle sob a situação, definir a alternativa mais sensata é eliminar o risco; se todas as informações da situação de risco forem disponibilizadas as chances de evitá-lo são imensas e, se houver tempo disponível para a escolha da ação e informações suficientes sobre o risco corrido, além de controle sobre tudo a probabilidade de risco é quase mínima.

Então, compreende-se que o risco deve ser analisado e administrado para que não comprometa o empreendimento. O cerne da Administração de riscos está nas escolhas corretas. O modo como se distingue, julga e estrutura a situação de risco é o fator determinante.

Ampliando a discussão, Gitman (2004) assevera que há uma determinada preferência com relação ao risco a ser corrido que ele denomina: indiferença de risco, aversão ao risco e tendência de risco. A indiferença de risco diz respeito à “atitude com relação ao risco quando nenhuma mudança no retorno seria exigida em vista de um aumento de risco”. Já a aversão ao risco trata “da atitude com relação ao risco quando um incremento de retorno seria exigido em vista de um aumento de risco” e finalmente a tendência de risco aborda “a atitude com relação ao risco quando uma diminuição de retorno poderia ser aceita em vista de um aumento de risco”. (GITMAN, 2004, p. 204)

Ao se analisar um negócio, avaliar os riscos que ele corre faz-se também a coleta de informações, o controle e as escolhas para ele. A organização da situação de risco de um empreendimento tem início com sua recognação e avaliação, a adaptação do conceito de negócio e da situação de risco que ele representa.

Nesse viés, Degen (2009, p.34) completa apontando cinco etapas para administrar o risco de um negócio: “reconhecer e estruturar as opções de risco; avaliar o risco das operações; ajustar a situação de risco das opções ao aceitável; escolher entre as opções e monitorar mudanças nas situações de risco”.

Entende-se que desde o planejamento do negócio até sua concretização é preciso obedecer tais fases para administrar-se bem e, conseqüentemente, diminuir as chances de risco. A concretização de um negócio depende das respostas encontradas para os prováveis riscos. O empreendedor deve ser habilidoso o bastante para antecipar e distinguir os riscos, concordar o modelo do negócio para minimizá-los e geri-los.

3.5 Risco de carteira

Gitman (2004) define carteira como sendo uma coleção ou grupo de ativos e assevera que o risco de qualquer sugestão de investimento em um exclusivo ativo não precisaria ser visto separado de outros ativos. Um bom administrador busca a criação de uma carteira eficiente que aumente o retorno para um certo nível de risco ou diminua o risco de um determinado nível de retorno. Logo, a correlação é o cerne do processo de diversificação que é utilizado para desenvolver a carteira eficiente de ativos.

O retorno e desvio padrão de carteiras é avaliado como uma média ponderada de retornos dos ativos individuais dos quais está composto. (GITMAN, 2004) Para calculá-lo usa-se a seguinte fórmula:

$$k_p = \sum w_j \times k_j$$

Assim que for medido o retorno e o desvio padrão de uma carteira de ativos é preciso compreender e calcular a correlação. O grau de correlação é medido pelo coeficiente de correlação.

De acordo com Gitman (2004, p.213) a correlação é:

uma medida estatística da relação, se houver, entre séries de números que representam qualquer tipo de dados, desde retornos até resultados de testes. Se duas séries se movimentam na mesma direção, são positivamente correlacionadas; se elas se movimentam em direções opostas, são negativamente correlacionadas.

Na verdade, a ligação entre duas variáveis cita a dinâmica das mesmas. Logo, a quantidade desta relação é alcançada estatisticamente por intermédio do coeficiente de correlação que modificar-se de +1 a -1. Assim como demonstra-se na figura 5:

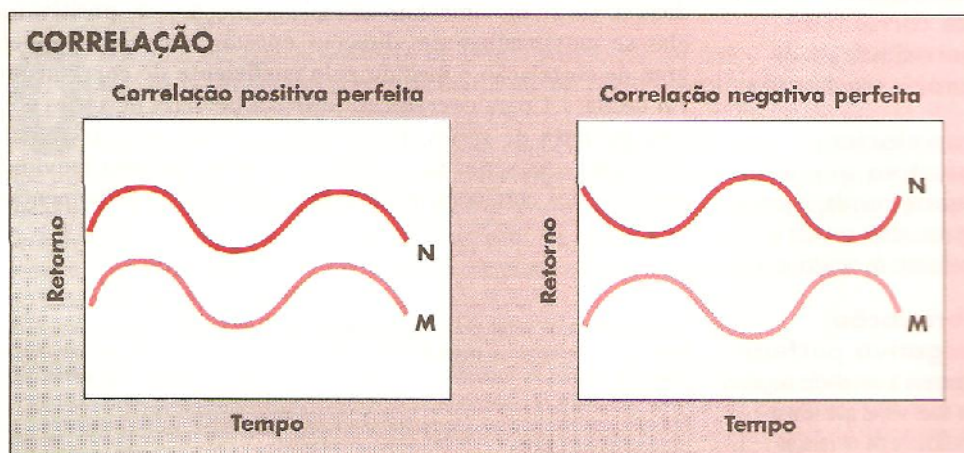


Figura 5: Correlação
Fonte: GITMAN (2004)

A figura demonstra que quando o coeficiente de correlação for igual a -1 , as variáveis encontram-se opostamente correlacionadas. Quando o coeficiente de correlação for igual a $+1$, as variáveis apresentam uma relação na mesma proporção. Quanto mais próximo de $+1$ estiver o coeficiente de correlação, mais completa será a correlação positiva entre as variáveis.

A fim de reduzir o risco total, deve-se concordar ou acrescentar ativos à carteira que tenham uma correlação negativa. Através da combinação de ativos negativamente correlacionados, o total de variabilidade dos retornos, o risco, σ_k , pode ser diminuído. Existem também os ativos que não são correlacionados, ou seja, não tem nenhuma interação entre seus retornos. (GITMAN, 2004)

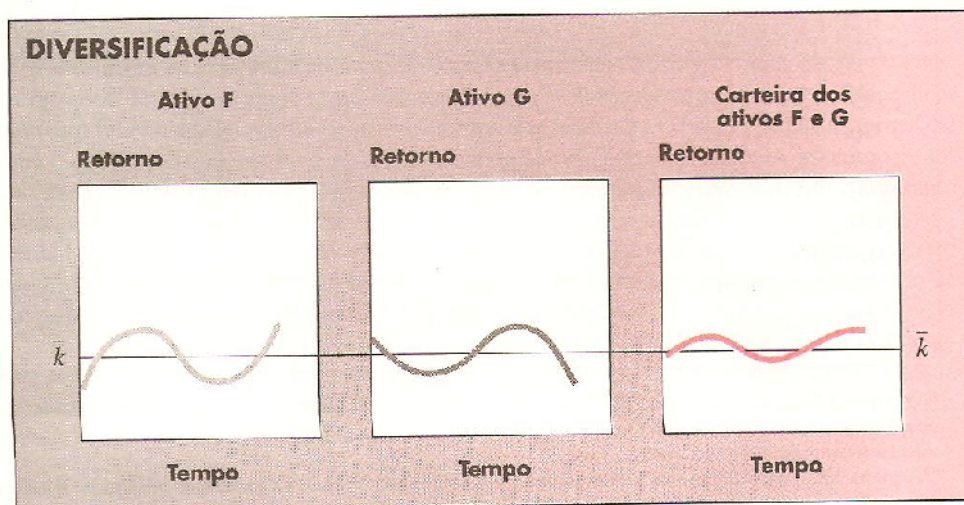


Figura 6: Diversificação
Fonte: GITMAN (2004)

É possível compreender que a criação de uma carteira pela combinação de dois ativos que possuem retornos com correlação negativa se acordado os ativos não correlacionados, as chances de diminuição de riscos são enormes.

3.6 Modelo de formação de preços ativos de capital (CAPM)

Para Gitman (2004) a teoria essencial que associa o risco e o retorno para todos os ativos é conhecida como Modelo de Formação de Preços de Ativos de Capital (CAPM). Esta divide o risco total de um determinado título em duas categorias: o risco diversificável e o risco não diversificável. O risco diversificável, também conhecido como risco não-sistemático, “representa a parcela do risco de um ativo que está associada a causas randômicas e pode ser eliminada por meio da diversificação”. E o risco não-diversificável ou risco sistemático, “é atribuído a fatores de mercado que afetam todas as empresas, e não pode ser eliminado por meio da diversificação”. (GITMAN, 2004, p.221) Assim ilustra o autor:

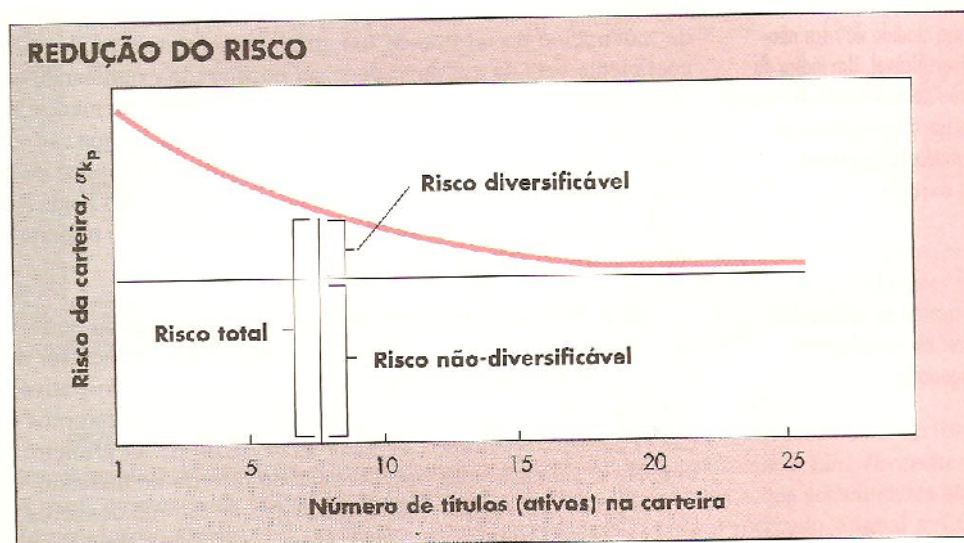


Figura 7: Redução de risco
Fonte: GITMAN (2004)

O autor elucida que qualquer investidor pode criar uma carteira de ativos e suprimir todos os riscos diversificáveis, só existindo, assim, o risco não diversificável.

O modelo de formação de preços de ativos de capital (CAPM) admite achar a taxa justa de retorno de um ativo financeiro a um determinado nível de risco. Este é classificado da seguinte forma: a primeira (RF) diz respeito a taxa livre de risco e a segunda (RM-RF). $\beta_{I,M}$, corresponde ao prêmio de risco.

$$RI = RF + (RM-RF) \cdot \beta_{I,M}$$

Onde:

RI = Retorno do ativo

RF = Retorno do ativo sem risco

RM = Retorno da carteira de mercado

$\beta_{I,M}$ = beta do ativo

Por outro lado, um fator de suma relevância é o coeficiente beta. Para Gitman (2004, p.222) o coeficiente beta é “usado para medir o risco não-diversificável. É um índice do grau de movimento do retorno de um ativo em resposta à mudança no retorno do mercado”.

Vale lembrar que existem possíveis contextos em que os empreendedores poderão encontrar ao avaliar a habilidade de presumir e de definir os riscos de seu empreendimento. Os capazes de prever os riscos e saber administrá-los (agencias de viagens, corretoras de imóveis, construtoras e escritórios de advocacia), de prever os riscos e não ter competência para geri-los (restaurantes, butiques, lavanderias e pousadas), de não conseguir prever, mas saber administrá-los (publicação de revistas, as estações de rádio, a fabricação de telefones celulares e as confecções) e de não saber fazer nenhuma das duas coisas (negócios de software e os baseados na internet). (DEGEN, 2009)

Vale lembrar que alguns empreendedores possuem uma capacidade maior de detectar os riscos que estão por vir. Degen (2009) observa que estes, em sua maioria, são candidatos preparados academicamente, ou seja, empreendedores recém-formados ou que ainda estão inseridos no ambiente acadêmico. Eles são mais prevenidos, minuciosos, e chegam a desistirem de abrir um negócio, ou protelar a abertura com receio dos riscos que possuem. Já os despojados, desbravadores, não distinguem esses riscos ou pagam pra ver, tornando-se, na maioria, os arruinados no mercado. Mas como toda regra tem sua exceção, alguns conseguem, com a mais pura sorte ou com decisões acertadas em momentos oportunos, mesmo com todos os problemas, terem sucesso em seu empreendimento.

Fica claro que, mesmo com sorte, com embasamento teórico ou com ousadia é preciso seguir os passos adequados para a abertura de um empreendimento. Ainda, o conhecimento de riscos, das providências para diminuí-los é a única maneira de adquirir confiabilidade com possíveis empregados, clientes, fornecedores, sócios e investidores na nova empresa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi através do presente estudo que pode-se comprovar que se o risco não for diagnosticado previamente pode configurar um grande problema na organização.

Pensa-se, portanto, que empresas que possuem tino e vêem seus produtos e serviços como algo promissor e inovador devem cercar-se de todos os aparatos para diminuir as chances de qualquer risco que possa comprometer a vida útil da organização.

Sendo assim, é necessário que as empresas utilizem de diversos recursos para detectarem, analisarem e afastarem os riscos de seus setores, pois um segmento afetado refletirá em todos os outros, causando abalos e prováveis consequências nestes.

Crê-se, assim, que o presente trabalho possa vir a contribuir com futuros estudos na área da Administração e afins para entusiastas do tema bem como curiosos sobre o universo econômico-administrativo.

REFERÊNCIAS

BROWN, Anthony E.P. **Análise de risco**. Ano III. n. 01. Janeiro/Fevereiro 1998.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2002.

CUNHA, R. A. N. **A universidade na formação de empreendedores: a percepção prática dos alunos de graduação**. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Curitiba, PR, Brasil, 28.

DEGEN, R. J. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. Colaboração: Álvaro Araújo Mello. São Paulo: Makron Books, 2009.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DORNELAS, José Carlos. [et al]. **Como conseguir investimentos para o seu negócio**. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

DUARTE JUNIOR, Antonio Marcos. **Risco: definições, tipos, medição e recomendações para seu gerenciamento**. 1993. Disponível em: <http://www.risktech.com.br/PDFs/RISCO.pdf>. Acesso em 10 de Set. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª. ed. São Paulo: Positivo, 2004

FREITAS, Carlos Machado de. GOMEZ, Carlos Minayo. **Análise de riscos tecnológicos na perspectiva das Ciências Sociais**. Nov. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n3/v3n3a06.pdf>. Acesso em 10 Set. 2010.

GITMAN, L. J. **Princípios de Administração Financeira**. 10. Ed. São Paulo: Harbra, 2004.

HASHIMOTO, M. **Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intra-empreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2006.

HISRICH, R. PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HOJI, M. **Administração Financeira: uma abordagem prática**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

Created with

KORNIJEZUK, Fernando Bandeira Sacenco **Características empreendedoras de pequenos empresários de Brasília.** Disponível em:
[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/d086c43daf01071b03256ebe004897a0/0d4fdcf048ef441a03256fa500452bf0/\\$FILE/NT000A3AFE.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/d086c43daf01071b03256ebe004897a0/0d4fdcf048ef441a03256fa500452bf0/$FILE/NT000A3AFE.pdf)

LAGO, Maria H. Araújo e Rochel M. [et al]. **O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de Química:** formando químicos empreendedores .Disponível:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010040422005000700005&script=sci_abstract&lng=e. Acesso 23/08/2010

NOCE, Rommel; *et al.* **Análise de risco e retorno do setor florestal:** produtos da madeira v.29, n.1, p.77-84, Viçosa: 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rarv/v29n1/24237.pdf>. Acesso em 10 Set. 2010.

PLANTULLO, Vicente Lentini. O papel do administrador financeiro neste século XXI. 2004. Disponível em: <http://www.cantareira.br/thesis2/v2n2/vicente.pdf>. Acesso em 10 Set. 2010.

SCHIMIDT, S, BOHNENBERGER, M.C. **Perfil empreendedor e desempenho organizacional.** Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso 23/08/2010.

SCHNEIDER, Anderson; RIBEIRO, Diogo de Oliveira. **Análise de risco e retorno em carteiras de investimentos de longo prazo.** Artigo científico. Goiânia, 2009. Disponível em:
<http://www.cpgls.ucg.br/ArquivosUpload/1/File/CPGLS/IV%20MOSTRA/NEGCIO/Anlise%20De%20Risco%20E%20Retorno.pdf>. Acesso em: 10 de Set. 2010